

FOI NO TEMPO DAS GUERRAS:  
A ÁFRICA ERA UM CORAÇÃO A ARDER  
NO OCEANO

*Uma menina chamada Celeste  
saiu das labaredas  
e voou pelos céus além.*

Partiu esta menina, Celeste, dentro dum dragão de prata que voava por ventos e ares, e não ia só. Viajava na companhia da mãe e da avó, ambas de luto vestidas, enquanto lá em baixo o primo Amílcar, camionista de pesados, ficava a desafiar os negros de má-fome. Que eram mais que as mães, diga-se de passagem: negros a formigarem no capim, negros na pele do leão e na casca do embondeiro, negros turras-terroristas, olho aceso e pé no vento, a alastrarem pelas cidades; negros aos estilhaços; farrapos de negros a apodrecerem nos mastros. Guerrilhas, em suma.

E o primo Amílcar, no cume duma montanha de balas, a espalhar fogo alegremente:

«Com putas e turras é sempre a aviar!»

As chamas cegavam-no. À mais pequena sombra disparava; ao menor zumbido, pólvora. E quanto mais pólvora mais cegueira, mais medo; quanto mais medo mais desespero, quanto mais

desespero mais turras-terroristas — de forma que era uma guerra a despachar: matar por matar e depois se vê.



MAS...

*mão que espalha o fogo  
queima-se com o vento,  
oh, castigo.*

E foi o que aconteceu aos conquistadores do mato, traficantes e outros que tais quando, depois de muito esfolar, viram a vida deles a andar para trás.

Tinham saído das berças da fome em tempos que já lá iam e, tocados pela necessidade, atravessaram o mar em demanda do igualmente esfomeado, que era preto e que, tanto quanto so-

nhavam, andava a pé descalço por cima de cascalhos de ouro e diamantes sem dar por isso. Depois, como as coisas não fossem tal e qual, não se desconcertaram e desataram a fabricar negócios de abater o preto à paulada, peneirar e vender farinha de pau-santo, e assim foram crescendo e engordando.

O pior é que de tanto bater, o pau abriu faísca e pegou fogo ao mato — tinha que ser. Os traficantes, conquistadores e outros que tais levaram a mal. Ah, sim?, ameaçaram. Pois então o fogo paga-se com o fogo, e por dá cá aquela palha puseram-se a despejar tiros, empurrando para longe o incêndio — pensavam eles. Estiveram meses e anos, entretidos a espalhar lume quando numa volta do destino o vento começou a mudar. Aí, ao sentirem as chamas a virarem o dente, alto lá: deram sebo às botas e que se lixe, disseram, ardeu a tenda. Pegaram na saquinha dos diamantes e bateram a asa, rumo ao velho ninho, Portugal.

Enquanto o diabo esfregou um olho já eles tinham pulado por cima do mapa-mundo e da África que lá estava desenhada como um coração pousado no oceano.

ATENÇÃO, ATENÇÃO,  
BONECA A BORDO!

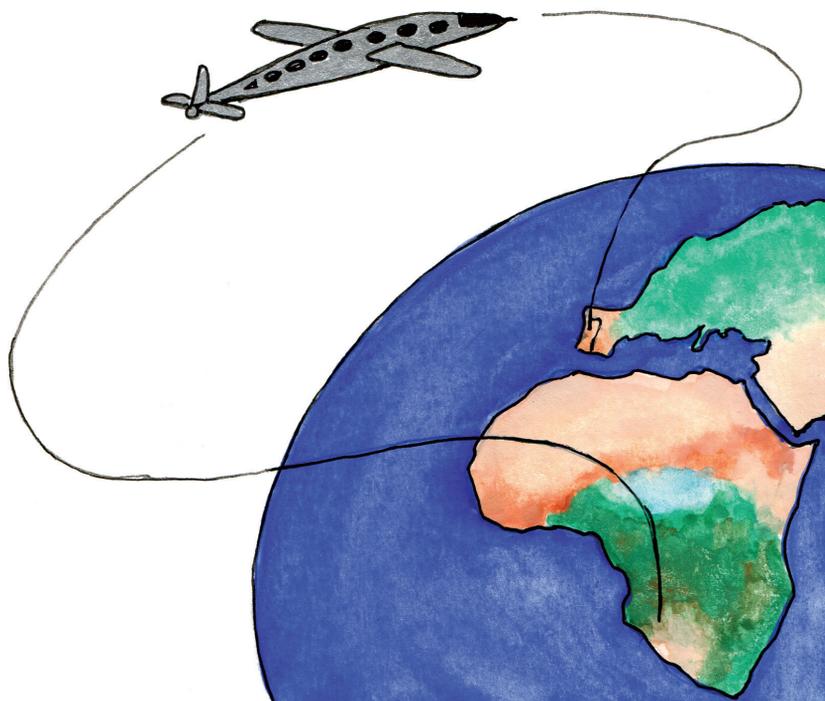
*Os traficantes dão às de Vila-Diogo  
e a outros lugares da terra-mãe.  
De viagem encontram  
alguns brancos de boa-fé.*

Entre os quais a pequena Celeste e as duas mães enlutadas.

Iam velha, mãe e neta, pombas negras a voar, uma triste, outra calada, outra levada em sonhar — e galgavam tudo, alturas e equador, dentro do dragão de prata. Certamente que, ao deixa-

rem a África, fizeram uma curva por cima do primo Amílcar que continuava a provocar as chamas na sua montanha de balas e de gritos militares. E certamente, também, que se o ouvissem o grito seria:

«A mim, a mim! Com putas e com turras é que eu me quero!»  
(Ou coisa parecida.)



Só que a pequenita Celeste não pensava nele nem nas montanhas de balas espalhadas pelo mapa, lá em baixo. Pensava nos mares de nuvens, céus luminosos, carneirinhos ao de cima, que ia percorrendo em azul.

Mal sabia ela que, na bagagem da família, viajava uma boneca preta, Lâlinha, que a avó tinha conseguido salvar à última hora na confusão da partida.

OH!

*fez a Celeste  
quando viu sair a boneca  
do fundo duma mala.*



OH!!!

Há muito que não a via (julgava tê-la perdido na guerra) a esta Lâlinha que conhecia, pode dizer-se, desde o berço. Tinha-se cansado de a procurar entre lágrimas e jardins mas a sua boneca foi-se afastando, afastando, até ao nunca mais. E agora